UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO - UERJ

INSTITUTO DE MEDICINA SOCIAL

Série: Estudos em Saúde Coletiva nº 001

O CORPO DA CIDADE

Madel T. Luz

Junho 1992

IMS INSTITUTO DE MEDICINA SOCIAL
Universidade do Estado do Rio de Janeiro
Instituto de Medicina Social

O Corpo da Cidade

Madel T. Luz

Junho / 1992

Diretor: José C. Noronha
Comissão de Publicação: Cid M. de Mello Vianna
Michael Reichenheim
Joel Birman
Digitação: Regina A. Marchese
Editoração Eletrônica: Sergio I. Amato
Nota: A série "Estudos em Saúde Coletiva" é uma publicação de textos para discussão, do Instituto de Medicina Social - IMS, de exclusiva responsabilidade do(s) autor(es)

Ficha Catalográfica elaborada pela Biblioteca
do Instituto de Medicina Social - UERJ

L979 Luz, Madel T.
O Corpo da Cidade. / Madel T. Luz. — Rio de Janeiro: UERJ/IMS, 1992.
12p. — (Série Estudos em Saúde Coletiva; nº 1)

1. Cidades e Vilas - Rio de Janeiro - História. 2. Urbanismo. 3. Medicina Social. I. Título. II. Série.

CDD 711.4(815.3)(091)

O Corpo da Cidade*

Madel T. Luz**

Se falo aqui em **corpo da cidade**, é porque desejo estabelecer uma sócio-história "anatômica", ou uma "anatomia sócio-histórica" de uma cidade particular, num período particular de sua vida. Esta cidade particular é o Rio de Janeiro, e esse período, se é longo demais para os indivíduos (abrange mais de 100 anos), é insignificante para as cidades e seus povos.

Quero falar de um conjunto de lugares sem articulação aparente, cujo percurso tracei com o olhar específico do sociólogo interessado pela história, mas mais por histórias particulares, cotidianas, do que pela "grande história", com **H** maiúsculo.

Quero falar do Rio de Janeiro que nos chega da segunda metade do século XIX, com suas muitas mudanças e poucas transformações, semelhante à maré, em que há muito movimento mas sempre de ida e volta, num movimento aparentemente inovador, mas sempre igual no ritmo e no resultado.

No meu percurso sócio-histórico destaquei como pontos comuns a esses lugares anatômicos certos motivos de vibração social, certos **temas de discursos**. Esses pontos são: a beleza, o prazer (**sexual**, mas não apenas: também **lúdico, estético, político**), o perigo, o contágio, a doença. Não é por acaso que esses pontos, que esses temas da vida da cidade coincidem nos mesmos lugares. Pois os lugares da beleza e do prazer estão, na nossa sociedade em geral, e na nossa cidade, em particular, associados aos do perigo, do contágio e da doença.

Sabemos que há mestres na produção de artes e ciências sobre ambos os tipos de motivação: beleza e prazer, perigo e doença.

Quero chamar a atenção, nesse trabalho, para um tipo de discurso (e de mestres de discurso): o da medicina, e mais limitadamente o da higiene e da

---

* *Texto apresentado no Seminário Olhares sobre a Cidade (IPFUR/UFRJ), 1991.*

** *Profª titular de Sociologia, D.C.S./IFCS-UFRJ; Prof. Adjunto do IMS/UERJ.*

saúde pública, como saberes urbanos típicos que discursaram sobre o corpo da nossa cidade desde o século XIX.

Quero **indicar**, mais que mostrar, ou demonstrar, como esses saberes urbanos vêm tematizando a sócio-anatomia que eu disse ter construído da cidade, mas até agora não nomeei. Faço-o agora.

Meu itinerário toma como ponto de partida o que para muitos é chegada: **o Porto**, porta de entrada da cidade sobre a qual deito um olhar atento e curioso.

Do porto, esse olhar vagueia pela praia e, numa cidade em que mar e monte se encontram em muitos pontos (basta falar dos mais conhecidos: o Leme, o Arpoador, o Leblon), sobe o **morro**.

Do morro contempla vários **bairros** da cidade, núcleos declinantes ou ascendentes de sua vitalidade, e desce para a **rua**, lugar histórico de passagem, mas também de **reunião** da cidade.

E percorrendo ruas, deságua no ponto final dessa anatomia: a **praça**, sede de abrigo, união ou luta, às vezes das três coisas ao mesmo tempo.

Eis, portanto, o roteiro da minha anatomia sócio-histórica da cidade: o porto, a praia, o morro, o bairro, a rua e a praça.

O olhar que trago sobre esses espaços não é, propriamente, o olhar do pesquisador, cheio de **dados** (às vezes, cheio de dedos). Embora o estudo empírico, a leitura, e a reflexão sobre ambos tenham desinocentado meu olhar, originalmente um contemplador de paisagens, hoje não falo do fruto desses cuidados. Hoje penso em tentar estabelecer aqui um percurso livre entre a história, a sociologia e uma reflexão estética, quase literária, (vulnerável, portanto, do ponto de vista acadêmico) sobre essa **anatomia**, essa morfologia sócio-cultural que vem marcando a vida de inúmeros cidadãos, (inclusive a minha) e isto há mais de um século.

Mas essa não é uma tentativa ingênua. Como afirmei há pouco, a pesquisa, como prática e como reflexão, tiraram do meu olhar toda a inocência, criando nele a distância da **representação** - de que falava Foucault - entre as coisas e minhas palavras. A análise substituiu, nesse olhar, em grande parte, a contemplação e o gozo estético.

Apesar disto, ou talvez por isso mesmo, quero tentar essa "viagem", para empregar o termo popular, que sujeitará a precisão à impressão, e a análise à

apreciação. No final desse percurso, para a qual os convido para embarcarem comigo, num transporte imaginário, (talvez um bondinho, como os de Santa Teresa, ou do Corcovado), teremos mais uma síntese que uma análise.

É verdade que não se chega ao Porto de bonde. Mas o Porto, nessa viagem, é nosso **ponto de partida**, e não de chegada, como já disse.

É preciso caminharmos na lembrança até o século XIX, quando os trens e os bondes urbanos ligavam os Portos aos Centros das cidades.

No caso do Rio de Janeiro, capital do Império e da República, a história não foi diferente.

Ainda nos anos cinquenta, deste século eu, menina, muitas vezes andei nos bondes que margeavam a zona do cais do porto.

Zona no duplo sentido da palavra. Pois era no Porto, local de operações do grande comércio exportador e do comércio a retalho, que se misturavam os gêneros (aqui, novo duplo sentido) que chegavam e partiam.

A zona portuária congregava, no século XIX, e ainda no início do século XX, em que os navios eram o grande veículo da economia, não só porque transportavam carga, mas também porque traziam e levavam todo tipo de gente e idéias, uma grande mistura de pessoas e atividades. No porto conviviam o capitalista banqueiro, o exportador comerciante, o estivador, a prostituta, o marinheiro, o rufião, o pequeno vendedor, o burocrata, o contrabandista e, evidentemente, o policial e o higienista médico.

Administrar todas essas atividades exigia, da parte dessas últimas categorias, grande empenho na ciência de esquadrinhar e engenho na arte de controlar.

Pois o Porto, lugar em que o comércio abrange do grão do café ao amor, lida com mercadorias social e sanitariamente explosivas.

Não é meu intento aqui falar da repressão e do controle jurídico-policial do Porto, nem de sua ligação umbilical com a higiene. Para mim, o importante é indicar algumas preocupações e ações da medicina higienista, ou sanitarista, com essa porta de entrada do prazer e da beleza na nossa cidade, mas também, com o perigo do contágio e da doença.

1 - O olhar médico sobre o porto - higienistas e sanitaristas em nossa porta de entrada

Desde cedo, na nossa história imperial, os médicos se preocuparam com o Porto, e sua relação com a saúde-doença da cidade. Já no início da segunda metade do século XIX os higienistas se ocuparam (aliás, impotentemente) da questão do adoecimento coletivo dos marinheiros pelas **patologias contagiosas** e **transmissíveis**; isto é, pelas doenças venéreas, mas também pelas doenças epidêmicas ou endêmicas: a sífilis, a lepra e a tuberculose, é certo, mas também a peste, a varíola e o **cholera morbus**.

Todas essas doenças eram vistas como **importadas** pela cidade, através de sua entrada pelo Porto do Rio de Janeiro. Por outro lado, o porto da cidade era visto também como **exportador** de doenças da cidade: a febre amarela, as diarréias e a própria varíola infestavam a zona portuária e os "bairros" e cortiços próximos a ela.

Nesse conglomerado de residências e de atividades econômicas da cidade, originalmente organizadas em torno do Porto, a simbiose entre comércio e prazer, beleza e perigo, elabora, no imaginário higienista, a categoria de **promiscuidade**, como fonte originária de contágio e doenças coletivas.

A reunião de todas aquelas categorias sociais em locais em que o coletivo, pelas condições de vida, praticamente negava a existência do privado, chama a atenção dos médicos. Para eles, é essa própria reunião dos desclassificados que engendra a doença, pela falta de higiene.

A contaminação das pessoas e das mercadorias se dá no próprio habitat (ou "clima") do porto.

É o próprio porto, por sua desorganização social, que origina e propaga as doenças. O Porto é, assim, local de **perigo de contágio**. Há que saneá-lo.

Desde a segunda metade do século XIX, no seu último terço, há comissões mistas de médicos e engenheiros para promoverem a reforma do Porto (antes, localizado na atual Praça XV), para que este se tornasse um lugar limpo e adequado para a entrada e a saída das mercadorias. A própria vigilância sanitária dessas mercadorias é prevista, mesmo que nem sempre executada, ainda no século XIX, pelas normas higienistas providas pelos médicos da Junta de Higiene.

As regras de inspeção e quarentena, no caso de doenças contagiosas e epidêmicas -, também são elaboradas desde a segunda metade do século passado.

O Porto, porta de entrada e de saída da nossa cidade, lugar do encontro e da despedida, portanto do prazer e do sofrer, é o primeiro lugar da anatomia de que falo, a ser "enquadrado" no discurso e na intervenção deste saber urbano, que é a medicina higienista e sanitarista.

Também, existe local mais tradicionalmente urbano, na história das cidades marítimas, que o Porto? Para um local urbano, em que transitam não só mercadorias mas também doenças, o saber urbano da medicina sanitária encontra seu perfeito objeto.

2 - As praias, a saúde e a doença

Deixemos o porto e caminhemos pelas praias do Rio. Essas praias tão poluídas atualmente (aparecem sempre em amarelo ou vermelho na classificação da "Folha de São Paulo", enquanto as praias paulistas aparecem sempre em azul ou verde), já foram límpidas, saudáveis, e em maior número do que são hoje.

Perto do Porto havia praias, e quando nasci, existia ainda a Praia de Santa Luzia, não longe da Praça XV e do Porto, onde bebês como eu eram levados para tomar sol.

No Rio de Janeiro as praias existiram sempre, socialmente, sob o signo da beleza e do prazer.

Se não era hábito social, no século XIX, o banho de mar, só sendo indicado justamente como tratamento de saúde (sobretudo para doenças do pulmão, como a bronquite, ou a tuberculose), o passeio às praias já se fazia com os bondes, no fim do século XIX. Aí já vemos as **"bagneuses"** (em fotografias de Malta, por exemplo) em trajes sensuais (para a época) tomando seu banho de mar. Vulgariza-se paulatinamente a ida à praia, que caracteriza até hoje o carioca, como forma de lazer e lugar da prática de esportes (natação, ginástica, jogo de peteca; posteriormente, volley e, finalmente, o futebol de praia).

Contribuiu, certamente, para esse sucesso, o discurso higienista sobre o papel salutar dos banhos de sol e mar, em horários adequados, para promover

a saúde, a convalescença, e mesmo a cura de certas doenças, inclusive a temível tuberculose.

Antes dos anos quarenta, entretanto, não é comum que famílias proletárias frequentem as praias, e só se pode falar de um sucesso crescentemente popular das praias do Rio a partir dos anos cinquenta. É a partir de então que as praias merecem a atenção sanitarista como locais de perigo de possível contágio, através da poluição da água e da contaminação da areia.

Talvez nenhum outro local, nessa anatomia sócio-histórica, responda tanto pela imagem (nacional e internacional) de nossa cidade como lugar de beleza e prazer, de sensualidade, mesmo, como as praias cariocas.

É verdade que essa imagem, atualmente, está sendo bastante afetada, e não apenas pela poluição.

Há outros elementos que poderíamos chamar de deletérios, que "infestam" as praias da cidade e que a tornam, decididamente, um lugar de perigo, de contágio e, segundo os sanitaristas, de doença.

Além das drogas, fartamente traficadas em suas areias, há a questão dos "ratos de praia". Aqui não me refiro ao roedor tão difamado pelos homens, roedor que cumpre, aliás, o papel ecológico de tentar, sem sucesso, eliminar o lixo que produzimos. Ele só se multiplicam tanto porque nós multiplica nossa capacidade de amontoar lixo, por um lado, e de fabricar venenos, por outro, que acionam a capacidade de resistência imunológica dos ratos, ajudando-os a se multiplicarem. Refiro-me aqui ao pequeno ladrão, articulado a quadrilhas, por sua vez articuladas a policiais corruptos, por sua vez articulados ao poder hegemônico, numa cadeia "ecológica" da corrupção impressionantemente resistente a qualquer regime político ou sistema eleitoral do país. E além dos ratos de praia, há os inúmeros atropelos tipicamente urbanos que empanam a beleza e o prazer de desfrutar deste lazer: o tráfego, as eternas obras das orlas, os camelôs e as barraquinhas que disputam a areia aos banhistas, funcionando com a mesma mentalidade do lucro apressado e da inflação programada da macro-economia do asfalto.

Mas apesar de todos os pesares, inclusive o do individualismo e do consumismo sexual atuais que também infestam nossas praias, elas são, inegavelmente, talvez o único lugar do prazer gratuito - por oposição ao prazer comercializado do porto - e da beleza da nossa cidade, vista como beleza sensual.

3 - Os morros da cidade: a paisagem e o perigo.

Alguém já comparou os morros mais conhecidos da cidade, o do pão de açúcar, os da Gávea (Dois Irmãos e Pedra da Gávea) a detalhes anatômicos de um corpo de mulher: ora aos seios, ora ao dorso, ora à figura alongada de uma bela mulher. No entanto, essas metáforas e imagens do feminino e sua sexualidade para qualificar os morros do Rio de Janeiro são recentes. Há elogios dessa sinuosidade desde o início do século XIX, com os viajantes estrangeiros, botânicos, naturalistas e **médicos**, que por aqui aportavam, sem a referência sexual contemporânea.

Essas imagens referem-se a apenas um dos aspectos, ou talvez "**funções**" dos morros, para empregar um termo antigo da sociologia, ou se preferirem, da sociologia antiga. Elas refletem apenas um olhar sobre a cidade: o olhar do **lazer**, do prazer da contemplação da **vista**, no duplo sentido da palavra: a nossa vista e a vista da cidade.

Se o **turismo** aos morros mais famosos é desse século (Pão de Açúcar, Corcovado, Santa Teresa, Gávea, Paineiras), as visitas aos morros por interessados na **Saúde** é mais antiga, do século XIX. Através da altitude, os morros garantiriam aos necessitados de cuidados médicos um ar mais leve e puro.

O morro, como o mar, é tematizado, nesse discurso médico, como **lugar de saúde**, e não de doença. Lugar **terapêutico** para quem sofre com a umidade e o calor das baixadas e pântanos então existentes na cidade. Ainda no início deste século, Santa Teresa, por exemplo abriga vários sanatórios e hotéis para aqueles que precisam dos "bons ares" dos morros da cidade.

Mas esse não é o único olhar que podemos deitar sobre os morros da cidade, nem é o mais recente. Há várias outras formas de contemplar esse lugar anatômico do Rio: como moradia, como abrigo, como esconderijo, como **sede do perigo** e da violência das classes perigosas.

É o morro visto como "favela", como lugar socialmente promíscuo, onde habitam operários, trabalhadores desempregados, junto a bandidos, traficantes, organizações criminosas. É o morro visto não só como moradia, mas também como **abrigo** de desclassificados.

Aqui não nos interessa esclarecer em que medida essa visão, essa forma de olhar, corresponde a algo de verdadeiro.

Sabemos que objetivamente são trabalhadores os que, em sua maioria, habitam os morros. Foi para lá que eles foram expulsos quando o Porto foi

"saneado" no fim do século passado e sobretudo, por sanitaristas como Oswaldo Cruz, no início deste século, no sentido de se eliminar o "perigo" que representavam as aglomerações coletivas junto à zona portuária. O morro da Providência foi, neste sentido, um dos primeiros a serem ocupados por trabalhadores humildes, ex-escravos e imigrantes de outras cidades e estados do país.

O morro tornou-se, desde então, ao mesmo tempo, imagem de moradia e de abrigo dos mais pobres.

Mas entre os mais pobres instalaram-se também os criminosos e suas quadrilhas, que nas últimas décadas estabeleceram sólido controle sobre a vida (e a morte) coletivas.

E o morro passa a ser visto como lugar de **perigo** pela cidade. No imaginário coletivo, firmou-se, desde então, o fantasma de uma invasão dos bairros de classe média e superior pelos habitantes do morro, numa espécie de "tomada do poder" sociogeográfica pelas classes inferiores da sociedade. Esse fantasma se apresenta cada vez mais ameaçador, na medida em que crescem as favelas nos morros, e que diminuem estratos e bairros de classe média, mas também na medida em que os morros geográficamente **cercam** toda a cidade com seus bairros.

É verdade que o processo de urbanização e de saneamento subiu os morros, e que uma parte delas atualmente poderia ser vista mais como bairro popular do que como a velha "favela de lata" (a "bidonville" dos franceses).

Bairro popular de onde desce o som da cidade e seu ritmo: o samba, e onde se elabora o mágico teatro do carnaval. São verdadeiros ateliês do prazer, através da criação contínua da música e da dança talvez mais sensual do planeta.

4 - Os bairros e a vida comunitária: o descanso dos guerreiros

Os bairros, que podemos contemplar do morro, são vistos por nosso olhar como lugares de viver, e não apenas de morar, ou de dormir.

É verdade que o bairro já foi, na nossa cidade, o mais importante lugar de com-viver, de levar uma vida de comunidade.

Se lermos Machado de Assis, por exemplo, (podia ser Lima Barreto, também) poderemos ter uma visão do que representavam os bairros na vida

social da segunda metade do século XIX. Tudo, ou quase tudo, acontecia ali: os encontros e os desafetos, os casamentos, os nascimentos, as traições (por que não?) as festas, as comemorações e os lutos. Todos esses fatos com seus pequenos (ou grandes) cerimoniais.

Há bairros que têm uma história mais que secular nesse sentido: Santa Teresa, de que já falei, Catete, Botafogo e a parte do Centro que hoje compõem a Lapa e parte do Estácio.

Mais tarde, já nesse século, outros se desenvolveram nessa mesma tradição: Rio Comprido, Laranjeiras (antes compostos por grandes chácaras) e Leme, entre outros (Gávea, por exemplo).

É interessante assinalar que algo restou do convívio original dos **bairros** nesses lugares, apesar do enorme crescimento urbano e da especulação imobiliária. Mas a "sociedade comunitária" de que fala a sociologia alemã, certamente não é mais a marca desses bairros.

Este espírito de sociedade de **folks (Gemeinschaft)** certamente imigrou para certos bairros da zona norte e dos subúrbios **da cidade** (não estou me referindo aqui a outras cidades, da baixada, por exemplo, que são cidades dormitórios, onde o convívio e as condições difíceis de vida impõem limites ao espírito de solidariedade que caracteriza a "comunidade").

Pois o bairro e a vida bairrística supõem uma certa convivialidade, a troca de favores e de pequenas solidariedades, o comércio a retalho, e, portanto, o "freguês de caderneta", difíceis (mas não impossíveis) de encontrar nos nossos atuais grandes bairros, tais como Tijuca, Flamengo, Copacabana, Ipanema, etc.

O individualismo privatista, a impessoalidade das relações sociais, a frieza nas relações humanas e a violência urbana crescentes redefiniram, nas últimas décadas, o desenho social desses locais de morar e de viver.

Mas ainda se encontram agentes e Instituições que são a garantia da sobrevivência desses lugares: o jornaleiro, o botequim, a Igreja, a farmácia, a recente associação de amigos do bairro, as bandas e os blocos de carnaval, entre os mais populares.

Naqueles onde o supermercado não predominou totalmente, há ainda os velhos açougueiro e quitandeiro, além do tintureiro e do sapateiro, linhas de alinhavo entre os pedaços sociais do bairro.

Concluindo:apesar das grandes e recentes transformações urbanas, o bairro continua a ser local de abrigo, moradia e vida (familiar, pessoal). A ser, portanto, o lugar de **descanso de todos nós, guerreiros da cidade.**

5 - A rua: lugar de reunião, de perigo e medo

Se tematizamos o bairro, pode parecer redundância colocar, na anatomia projetada no início deste texto, a **rua**. Pois em princípio os bairros compõem-se de ruas, as quais estão cheias de casas, ou, mais contemporaneamente, de prédios, de edifícios.

Mas eu avisei, também, que não era própriamente de uma anatomia geográfica que desejava falar, mas de uma sócio-histórica.

E nesse sentido, as ruas da cidade têm sua originalidade face ao bairro. Eu diria mesmo que algumas têm sua **personalidade**, inscritas e escritas na grande literatura brasileira, ou nas grandes Escolas de Samba, como a secular Rua do Ouvidor. E aí são ruas de todos os lugares, de todos os bairros, que se consagraram entre os escritores e os músicos: das ruas do Porto e da Lapa, às ruas dos bairros famosos, como a do Catete, a Montenegro (Ipanema) a Nossa Senhora de Copacabana, a República do Peru, são tantos exemplos que não terminaria hoje.

O importante é assinalar que a rua é, tradicionalmente, em nossa cidade, ao mesmo tempo lugar de passagem e lugar de reunião.

De passagem, é óbvio que o sejam, mas de **reunião**, já não tanto. Porque são muitos, e os mais variados possíveis, os motivos para se reunir.

Entre nós, desde que existe República, há mais de cem anos, são principalmente três os motivos de reunião nas ruas: para manifestar (politicamente, quero acentuar) para festejar (caso dos carnavais, mas também dos desfiles, e das procissões) e para comer e beber (para comemorar ou "bebemorar").

Pois muitos dos nossos bares e restaurantes, justamente, e isso há muito tempo, "dão para a rua", isto é, situam-se nas calçadas das ruas.

Lugar do prazer oral sobretudo, mas também de busca do prazer sexual, pois o "trottoir" é feito nas ruas. Portanto, lugar do perigo de **contágio**, em nossa era de AIDS, e das demais doenças do amor, inclusive a da violência.

As ruas foram consideradas, desde cedo, pela polícia e pelos como lugares de **perigo**. Perigo de contágio, perigo de violência, individual e coletiva. O esquadrinhamento dos quarteirões, numa combinação de poder médico e policial, é muito praticado segundo a ótica higienista, desde o final do século XIX, antes do evento da República.

A rua como lugar ambíguo do prazer e da violência (pessoal e coletiva) fazem parte de um imaginário mais que secular na nossa cidade. No início do século XIX as carmelitas da Ladeira de Santa Tersa tocavam seus sinos para avisar os escravos do momento de recolher, para que eles escapassem dos policiais montados a cavalo. Se os brancos achavam que o perigo e a violência das ruas vinham dos escravos, as freiras sabiam que os negros sofreriam a violência dos policiais se se encontrassem num local proibido para eles a partir de certa hora da noite: a rua.

Atualmente, nossas ruas continuam a justificar e a intensificar o imaginário dúbio do prazer/perigo.

Quem quer se arriscar a estar passando pela maioria das ruas dos nossos bairros em horas tardias? E durante o dia, quem consegue transitar por certas ruas de comércio dos nossos bairros? Além das inúmeras barracas de camelôs, os ladrões, os "arrastões", os automóveis sobre as calçadas, etc.

É difícil não lançar um olhar entristecido e preocupado sobre o estado atual de nossas ruas, se nos lembrarmos que eles já foram lugar não apenas de **manifestação**, de **prazer**, de **comemoração**, mas também de **beleza**. É preciso, talvez, repensar, e refazer o lugar das ruas em nossa cidade, para que elas possam nos levar ao seu ponto natural de deságue, e o ponto final deste roteiro: **a praça.**

6 - A Praça lugar de comício e comunhão

Mais do que a própria rua a praça tem sido, em nossa história dos últimos cem anos **pelo menos** (se não considerarmos o Largo do Paço, do início do século XIX), o lugar da manifestação pública política e cultural.

É lugar de comício e de comunhão pública.

As praças mais famosas da cidade, como a da Aclamação (da República), a Praça XV (onde se encontrava outrora o Paço), a da Central do Brasil, além dos largos ligados a Igrejas, como a de N. S. da Glória, no Largo do

Machado, e a da Candelária no fim da Av. Presidente Vargas, foram sede dos eventos mais importantes de nossa história como Nação (se levamos em consideração o "Fico", de D. Pedro I, pronunciado das janelas do Paço).

As proclamações, as manifestações e os comícios procuraram, em nossa cidade, a Praça como lugar de expressão de solidariedade civil, de indignação pública e também, é claro, de comemoração e prazer coletivos. Aí está a Praça da Apoteose, último exemplo neste sentido, que não me desmente.

É verdade que atualmente também as praças tornaram-se lugares de abrigo dos mendigos, de atuação dos ladrões, de tráfico das drogas, de bebedeiras e discussões privadas sem nada para celebrar e talvez tudo para esquecer.

A praça, que foi considerada, por sua amplidão, e por seu ordenamento, como lugar saudável por engenheiros e médicos sanitaristas, tornou-se também no imaginário popular, **lugar de perigo e contágio**. Perigo de violência, moral e física, e perigo de contágio de epidemias que cercam as grandes concentrações de público, sem higiene, sem cuidados de limpeza, sem consciência civil de que se trata, justamente de lugar público, isto é, de lugar **do público**.

Os históricos Largos de São Francisco e Largo do Machado, para dar só dois exemplos (poderia falar também na Praça General Osório, praticamente desativada, nos dias atuais, por obras interrompidas do Metrô) definharam como local de lazer, de entretenimento, de Passeio Público.

É preciso repensarmos **também** este **lugar** na nossa anatomia, no corpo da nossa cidade. Pois apesar de todas as dificuldades atuais, e de todas as destruições promovidas por civis deseducados e por políticos desinteressados do público, devemos continuar a acreditar, como o poeta brasileiro, que "A praça é do povo como o céu é do condor", e lutar para que ela efetivamente volte a sê-lo.